

Suplemento Cultural

CROCODILOS E JACARÉS

RAQUEL NAVEIRA

Sonhei com crocodilos. Estava escuro. Havia lua. Entrei nas águas quentes, primevas. E eles me cercaram, forças inelutáveis. Os olhos brilhando como gemas de ovo cobertas às vezes pela albumina de uma membrana clara. Olhos faiscantes como lâmpadas. Pupilas de raios negros. Nadaram em volta de mim, boiando como nenúfares, balançando as caudas nas trevas, abrindo as goelas prontas para o assassínio.

Tudo isso porque fiquei impressionada com o filme francês "Os olhos amarelos dos crocodilos", inspirado num romance de Katherine Pantel. É a história de duas irmãs e suas relações conflituosas. Íris é bonita, sofisticada, rica. Leva vida fútil e luxuosa. Joséphine é intelectual, pesquisadora da Idade Média, abandonada pelo marido, às voltas com dificuldades financeiras. Durante um jantar, Íris diz a um amigo editor que está escrevendo um livro. Propõe então à irmã que ela escreva o romance em seu nome, em troca de dinheiro. Mas o filme, além das excelentes atuações das atrizes, é muito mais que isso. É sobre mentira, duplicidade, hipocrisia,

tração, medo, ambição, infelicidade, falta de confiança, frustração, amizade, busca do amor. É sobre mundos subterrâneos, sobre tudo o que destrói impiedosamente o homem. Sobre lama e contradições.

Sei bem que sonhei com crocodilos e não com jacarés. Sou do Pantanal. Os jacarés têm a cabeça mais curta e larga. No meu pesadelo, os dentes dos crocodilos escapavam para fora, mesmo quando eles estavam com a boca fechada. Os jacarés, do tupi "iakaré", acasalam-se em noites brancas como aquela. Eles se encontram, retiram-se do meio dos caniços, os olhos dourados fulgem dentro do verde de suas peles, em busca da terra firme, do capim duro e selvagem. Mais tarde, num ninho de folhas quentes, estarão ovos ásperos, de onde sairão dezenas de filhotes em busca do rio e do luar.

Lembrei-me do artista plástico corumbaense Jonir Figueiredo, que tem como tema principal de sua iconografia o jacaré. Jonir é uma espécie de guardião da memória de sua terra. Um dragão batalhando pela cultura pantaneira, essência de sua vida.

Foi comovente uma reportagem feita pelos jornalistas Cláudia Gaigher e



JONIR FIGUEIREDO – artista plástico corumbaense, cujo tema principal é o jacaré pantaneiro.

Argemiro Barros, mostrando a realidade de uma região isolada do Pantanal. Era noite escura. Lá vinham as crianças do meio do mato, carregando uma pequena canoa, remando pelo rio Paraguai. De repente, mergulhavam no rio, entre corixos. Atiravam pedacinhos de carne podre na flor da água para atrair os peixes agarrados nas raízes das plantas. Afogados até o peito, estralavam os dedos. Esse era o segredo para apanhar as tuviras que venderiam depois no povoado aos turistas pescadores.

Crianças indefesas, sem nome, sem escola, iscas de jacaré.

Distingo jacarés de crocodilos. Crocodilo é Leviatã, monstro mitológico, sombrio e agressivo. Deus alertou Jó: não se pode fisgar Leviatã com um anzol, nem amarrar-lhe a língua com uma corda, nem furar sua mandíbula com um gancho. Um crocodilo não se vende a pescadores, não se divide entre negociantes, não se criva sua pele com dardos, não se finca arpão em sua cabeça. Não se tenta

“

Sei bem que sonhei com crocodilos e não com jacarés. Sou do Pantanal. Os jacarés têm a cabeça mais curta e larga. No meu pesadelo, os dentes dos crocodilos escapavam para fora (...)"

pôr a mão nele. Basta o seu aspecto de sáurio para nos arrasar.

Não quero mais sonhar com crocodilos. Sentir a morte à minha frente. Ver-me cercada de inimigos. Enganada pelos meus entes mais próximos. Vou dominar essas criaturas com minha zagaia de Índia Guatú. Lança de luz que eclipsa e fulmina o perigo.

As viravoltas da Paixão

MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA.

A paixão é a mola, mestre de todas as realizações, que deixam sua marca no que fizemos de importante. Comigo aconteceu na aula de prática de ensino de Espanhol que deveria apresentar à Professora Emilia Navarro, justificando minha capacidade no ensino da Língua de Cervantes. Antes de acrescentar meu gosto pela língua, quero destacar os dias e noites que passei repassando os versos "Yo Voy Mirando Caminos" de Antonio Machado, como se percorresse as tardes de Espanha à semelhança de um

"viajero en cuanto a tarde cayendo está". Imaginava a vergonha que passaria se os alunos me perguntassem alguma coisa que não fosse capaz de responder. E, quanto mais pensava, mais me entregava com interesse aos assuntos de gramática e literatura que emanavam do texto. O que mais me aterrorizava era a nota de Emilia Navarro, uma professora cujo olhar temíamos, cuja análise deixava-nos sem dormir. Afinal chegou o temido dia. Consciente do amor pela língua, aparentemente calma, encontrei os alunos, meus colegas, observadores que além dos olhos da fera Emilia escreviam sem parar, pro-

velmente observações a respeito de minha pobre aula que recebeu, dela, apenas algumas leves observações e um simples 8 (oito) que, é claro, julguei merecido. Comentando com minha colega o medo que me gelara a alma, pelas inúmeras observações que Emilia escrevera, ela, rindo, comentou: ora, ela apenas estava escrevendo com muita paixão uma carta ao namorado, com quem, aliás, se casou no ano seguinte. E acrescentou irônica: espichei o pescoço e vi com o rabo do olho "tu eres mucho más sensillo que yo".

Alguns anos mais tarde, visitando a PUC, escutei uma voz com sotaque castellano que imediatamente identifiquei: era dela, de Emilia, só podia ser. Abraçamo-nos e ela me confessou que

aos 82 anos ainda dava aulas de Espanhol na mesma instituição em que me formara. Reconheceu-me alegre, mas nossa conversa girou apenas nos vultos a que ela passara a vida se dedicando: El Quijote, os autores medievais, Garcia Lorca, os latino-americanos que tanto admirava. Pequena, velhinha, era a mesma Emilia, cujo lema era "Callate o Salga", digno da disciplina exigida em suas aulas. A paixão eliminara de sua vida qualquer outro desejo que não fosse o amor ao ensino de espanhol. Nunca mais a vi. Saí dali pensando: quantos livros, quantos professores ilustres, quantas teses, discursos, quantos anos dedicados ao estudo de uma língua e literatura resultaram da paixão dessa mulher que abandonara

qualquer tipo de prazer para entregar-se a uma paixão singular.

Foi graças a ela que eu me tornei professora de espanhol e, ao lado da professora Maria Adélia, implantamos o espanhol no Curso de Letras da UFMS. Aquela aula de Prática de Ensino de 1949 marcou minha vida. Teria sido verdade o comentário de uma colega a respeito da pretensa carta escrita por Emilia?

Algum tempo depois, uma colega me contou que fora uma brincadeira da classe a "pretensa carta escrita por Emilia durante minha aula de prática de Espanhol." Em pensamentos, pedi perdão a minha professora por ter acreditado em tamanho desprezo: a quem devia tantas pegadas nos caminhos da paixão?

A CIDADE QUE AMO

AMÉRICO CALHEIROS

A cidade que amo faz aniversário dia 26 de agosto. Dona do pôr do sol mais lindo do mundo, a também chamada Cidade Morena é um colírio para a sensibilidade. Com suas ruas largas que fazem inveja às estreitas ruelas de tantas outras cidades do país, com uma profusão de verde que brota dos milhares de árvores encaixadas entre o céu solenemente azul e o concreto bruto que serve às mulheres e aos homens que correm pela sobrevivência, Campo Grande é a melhor surpresa urbana do oeste brasileiro.

Com raízes genuinamente mineiras, esta árvore frondosa deu frutos ecléticos com sabores nordestinos, gaúchos, paulistas, sírio-libaneses, italianos, japoneses, portugueses, paraguaios, bolivianos e outros mais, docemente misturados em um só caldo cultural de gosto deliciosamente

particular. Sem maiores encucações sobre a sua real identidade, a cidade cresce.

A cidade que respira o oxigênio de todos é também de ninguém, é do mundo. Fria às vezes em seu trato, dizem, o fato é que não deserda ninguém de sua atenção, e se tanta gente vem e fica é porque encontra na cidade abrigo de mãe, barra de saia onde segurar, orientação de pai pra onde seguir, ou seja, a cidade-família que aqui se expressa em tonalidades extremamente singulares. Apesar de algumas reclamações, Campo Grande é generosamente solidária e cumpre seu papel social em todos os momentos de necessidades coletivas e até individuais. Talvez ela não tenha cara de benemerente, ou não queira ter, ou não saiba ainda ter, mas faz seu lado com esmero.

Como toda cidade em franco crescimento que se preza, está em permanente ebulição. Esta casa, em contínua constru-

ção, uma coisa tem de muita verdade: não tira o chapéu para a preguiça. A cada dia está buscando novas saídas para as atividades que os estudiosos dizem que ela tem vocação e, entre acertos e erros, tem mais acertado do que errado.

Embalada por uma mistura de ritmos que vai da polca ao rock, a cidade tem público que consome do popular ao erudito, sempre tendo ao fundo, num cenário etéreo, as dobras de uma sanfona gemendo que a chalana vai sumindo..., como que confirmando a emoção caipira que inspira a criação poético-musical dessa terra, embora dessa emoção não se tenha usufruído percentagem significativa do que ela tem pra dar.

Do chão batido, muito dele já coberto pelo asfalto, ainda se pode sentir o cheiro da guavira que se foi, dos cajueiros frondosos que dominavam a cidade, dos mangueirais de tantas sombras amigas, das primaveras, das tantas lembranças boas, das muitas esperan-

ças que se descortinam horizonte além.

A cidade que amo tem o entalhe criativo de Conceição dos Bugres em seus índios oníricos, a altivez histórica da Morada dos Baís, a simplicidade do Sítio Histórico da Vila dos Ferroviários. A cantoria bonita de Délio e Delinha e o som moderno do Bando do Velho Jack, a dança brejeira do Camalote e do Sarandi; a poesia feita de pântano de Manoel de Barros e a palavra nativa de Hélio Serejo. As cores exuberantes das onças pintadas, de Lúcia Barbosa e Vera Senefonte, lembram sempre que a cidade que amo está em Mato Grosso do Sul e é sua capital.

A cidade que amo não é perfeita, é humana. Gente, vamos forrar a mesa, servir um churrasco ao ponto, acompanhado de mandioca, ou, quem sabe, um delicioso sobá, mais tarde tomar um tereré e, ao cair do dia, nesse pôr do sol único que se mistura ao neon do novo mundo, cantar parabéns a mais bela morena do Brasil.

POESIAS

CARIME

No deserto,
Perdido e sem esperança,
Depois de tantos dias
De cansaço e de sede,
És a miragem fascinante
Que espero se transformar
Em tranquilo e acolhedor Oasis.

És a luminosa estrela da manhã,
És a última promessa
No meu destino de nômade,
Beduína ardente do Saara.

Sou o sultão
Que perdeu todos os domínios.
Minhas odaliscas,
Raptadas por um bandoleiro audaz,
Vivem hoje, por certo, noutras tendas
Em um país muito distante...

Já fui sultão poderoso,
Mas era triste.
Todas as odaliscas se foram,
Só tu ficaste.
Agora, embora pobre mercador,
Sou o mais feliz dos filhos de Alá,
Porque possuo teu amor,
Carime,
Flor de lótus
Do meu oásis perdido.
Bendita sejas para sempre!
Romance escrito nas tendas do deserto.

HUGO PEREIRA DO VALE

A AGONIA DAS ÁGUAS

"Este silêncio é feito de agonias"

Mário Quintana

ADAIR JOSÉ DE AGUIAR

Ele sempre foi um rio portentoso, cujas águas cristalinas e transparentes espalhavam a beleza dourada do sol nascente e, à tarde, refletiam a merencória luz sonhadora do sol-pôr.

Na primavera, o cântico festivo da passara-da, na galharia verde e recendente, misturava-se ao cantarolar de suas águas que tinham trinclido de cristais, por entre as rochas e formavam catadupas sonoras no descer das seras.

Por ele, há quase um século, navegando em sua esteira líquida e prateada, chegaram

os fundadores, trazendo a civilização e o progresso, dando nome aos lugares, plantando as principais sementes, edificando as primeiras casas, providenciando as primeiras lavouras, dando início à colônia.

Ele, o rio, foi o caminho e o guia desses bandeirantes de além-mar, que vieram colocar raízes e cepas numa nova pátria.

Ele sempre fora um rio importante, irrigando as plantações que brotaram, fornecendo a água para as povoações que nasceram ao longo de seu leito, que serpenteia nos desvãos das montanhas.

Ele sempre foi um rio de esperança que

ajudou a formar e estruturar a região, picotada pelo casario espalhado, a todos, indistintamente, fornecendo o saboroso peixe, servido à farta em todas as mesas.

Mas hoje, ele é um rio triste. Suas águas turvas, pardacentas e mal-cheirosas dizem de toda a ingratidão que sofreu por parte dos homens. Agredido na sua beleza natural pelos esgotos, lixos e dejetos das casas e das indústrias, ele se tornou um rio triste e sem encantos, que não mais se mistura à alvorada dos pássaros, nem sorri mais ao sol que aquece e clareia as matas.

Ele é um rio que está morrendo. Suas

águas representam um perigo de epidemias para quem bebê-las ou nelas se banhar. A inconsciência e o desamor dos homens, certamente, vão matá-lo. É uma questão de tempo. Ele não é mais um rio, é um depósito de lixo. Parece que ninguém mais precisa dele. Ninguém faz alguma coisa para salvá-lo.

Ele está agonizando.

Não se lhe ouve mais o marulho. Apenas, nas enchentes, traz as enxurradas, as larvas de mosquito e o odor acre das indústrias e agrotóxicos que o estão assassinando. Sim, é a agonia das águas. Antes, fora um rio portentoso.

Hoje, um rio condenado à morte.

NOTÍCIAS DA ACADEMIA

CONVITE PARA O PRÓXIMO 'CHÁ ACADÊMICO' – A Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, em parceria com a ACP, apresentará na quinta-feira – 30/07, às 19h (na sede da ACP – Rua 7 de Setembro, subesquina com Rui Barbosa), o seu

tradicional Chá Acadêmico. Na ocasião, haverá uma concisa palestra ministrada pela escritora Sylvia Cesco, que discorrerá sobre o relevante tema: "O Tempo Subjetivo na Literatura Sul-Mato-Grossense". É uma honra contar com a vossa presença.